



O ATELIÊ COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM CRIATIVA: UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Vânia Pessoa J. B. Santos¹;

Antônio Amorim²

¹ Mestre em Educação de Jovens e Adultos, Coordenadora Pedagógica da Rede Mun. De Lauro de Freitas. E-mail: vaniaperssoajbsantos@gmail.com

² Doutor em Psicologia, Professor Convidado da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. E-mail: amorimrho25@yahoo.com.br.

EIXO TEMÁTICO 3: CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NA EJA

RESUMO

O presente estudo buscou realizar uma revisão teórica sobre o uso do ateliê como espaço de aprendizagem criativa e metodologia ativa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nascendo o seguinte questionamento: Como o ateliê pode favorecer práticas pedagógicas significativas, colaborativas e emancipatórias na EJA? Buscamos, portanto, analisar o potencial do ateliê como ambiente de aprendizagem que integra criação, investigação e autoria, articulando-se à cultura maker e às metodologias ativas. Com aporte teórico fundamentou-se na epistemologia do Sul de Boaventura de Sousa Santos (2006, 2018), que valoriza a ecologia de saberes e os conhecimentos produzidos em práticas sociais, e que dialoga com Dewey (1971), Freire (1996), Hernández (2000) e Dougherty (2012), que defendem a aprendizagem pela experiência, autonomia e produção coletiva do conhecimento. Assim posto, analisamos os fundamentos teóricos do ateliê nas pedagogias ativas, destacando sua relação com a cultura maker e sua função como espaço de autoria, experimentação e reconstrução de saberes. A metodologia da pesquisa hora proposta é qualitativa, exploratória e bibliográfica, baseada na análise crítica de obras teóricas. Concluímos refletindo como o ateliê estimula a criatividade, autonomia, protagonismo e inclusão digital dos educandos, consolidando-se como prática pedagógica emancipatória e inovadora na EJA.

Introdução

O presente estudo tem como propósito realizar uma revisão teórica sobre o uso do ateliê como espaço de aprendizagem criativa e metodologia ativa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa parte da seguinte questão: como o ateliê pode favorecer práticas pedagógicas significativas, colaborativas e emancipatórias na EJA? A EJA, historicamente marcada por trajetórias de exclusão e desigualdade, demanda práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade de experiências, saberes e ritmos dos sujeitos aprendentes. Nesse contexto, o ateliê emerge como um espaço de experimentação e autoria, que possibilita o diálogo entre teoria e prática, estimulando a autonomia, a criatividade e o protagonismo dos educandos.



Como afirma Freire (1996, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Essa reflexão traduz a essência do ateliê pedagógico: um espaço que favorece a criação de oportunidades de aprendizagem crítica e participativa. Buscamos assim analisar o potencial pedagógico do ateliê como ambiente que integra criação, investigação e autoria, articulando-se à cultura maker e às metodologias ativas, tendo como base a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e bibliográfico.

Desenvolvimento

1. O ateliê como metodologia ativa na EJA

O conceito de ateliê, tradicionalmente associado às artes, vem sendo ressignificado no campo educacional como metodologia ativa que valoriza o aprender fazendo, o trabalho colaborativo e a autonomia do sujeito. No contexto da EJA, o ateliê assume um papel transformador, por permitir que o educando se reconheça como autor de seu próprio processo formativo, integrando saberes escolares, culturais e sociais.

Essa perspectiva desloca o foco do ensino centrado na transmissão para uma pedagogia centrada na experiência, na experimentação e na criação coletiva, em consonância com os princípios da educação libertadora de Paulo Freire.

Segundo Freire (1996, p. 25):

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Ampliamos assim a compreensão sobre o papel do educador e do educando no processo de ensino-aprendizagem. O ateliê, inspirado nessa concepção, rompe com a lógica da verticalidade e propõe uma relação horizontal entre sujeitos que aprendem e ensinam mutuamente, fortalecendo o caráter dialógico e emancipatório da educação.

Ao transformar o espaço educativo em um ambiente de experimentação, o ateliê reconhece o valor dos saberes prévios dos educandos da EJA e propicia novas formas de expressão, comunicação e construção de sentidos. Nesse contexto, o aprender torna-se inseparável do fazer e do conviver, reafirmando o princípio freireano de que a educação é um ato político, estético e ético

Essa abordagem dialoga com os princípios da aprendizagem significativa, defendida por Freire (1996), ao promover a construção coletiva do conhecimento e a valorização das experiências de vida dos educandos. O ateliê, portanto, torna-se um território de partilha, onde o aprender é inseparável do fazer e do conviver.

2. A epistemologia do Sul e a ecologia de saberes



A fundamentação teórica deste estudo apoia-se na epistemologia do sul, proposta por Boaventura de Sousa Santos (2006, 2018), a qual apresenta uma crítica ao modelo hegemônico de produção do conhecimento e defende uma ecologia de saberes, entendida como o diálogo horizontal entre diferentes formas de conhecimento — científico, popular, técnico, artístico e comunitário.

Em obras como *Um Discurso sobre as Ciências* (SANTOS, 1987) e *Para uma Sociologia das Ausências e das Emergências* (SANTOS, 2002), o autor propõe um paradigma emergente que rompe com a racionalidade moderna e eurocêntrica, reconhecendo a legitimidade da diversidade epistemológica. Nessa perspectiva, Santos (2002) enfatiza a pluralidade epistemológica, a escuta sensível dos sujeitos e dos contextos e a interpretação e o diálogo como fundamentos para a construção do conhecimento. Além disso, o autor defende a participação ativa dos sujeitos pesquisados, superando a dicotomia entre pesquisador e pesquisado e promovendo um conhecimento situado, relacional e comprometido com a transformação social.

Assim, a pesquisa qualitativa, à luz da epistemologia boaventuriana, é compreendida como uma prática que acolhe a subjetividade, valoriza a experiência e promove o diálogo intercultural, configurando-se como um espaço de encontro entre saberes e de resistência ao epistemicídio promovido pela racionalidade moderna (SANTOS, 2018).

No contexto do ateliê como metodologia ativa, essa concepção se concretiza na prática pedagógica, uma vez que os educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) trazem consigo um repertório de experiências e saberes diversos que se entrelaçam com os conhecimentos escolares. Dessa forma, o ateliê se torna um espaço de aprendizagem inclusiva e emancipatória, em que o conhecimento é construído de maneira colaborativa, criativa e situada, promovendo a autoria, o protagonismo e a valorização das vivências individuais e coletivas.

3. O diálogo com Dewey, Hernández, Freire e Dougherty

A proposta do ateliê na educação dialoga diretamente com Dewey (1971), que defende a aprendizagem pela experiência e a centralidade da ação no processo educativo. Para o autor, o conhecimento é resultado da interação entre o sujeito e o ambiente, o que aproxima o conceito de ateliê da ideia de “laboratório de aprendizagem”. Freire (1996) reforça essa visão ao enfatizar que o ato educativo deve ser dialógico e libertador, permitindo que o educando seja sujeito de sua própria formação. Hernández (2000), ao discutir os projetos de trabalho, destaca a importância de integrar arte, cultura e experiência como formas de expressão do pensamento criador. Já Dougherty (2012), idealizador da cultura maker, propõe a valorização do “faça você mesmo” como atitude pedagógica que estimula a experimentação e a autoria. Assim, a cultura maker se articula ao ateliê ao incentivar o uso de materiais simples, tecnologias acessíveis e processos colaborativos, tornando o aprendizado mais prático e inclusivo.

4. A metodologia qualitativa e a análise teórica

A pesquisa aqui apresentada é qualitativa, exploratória e bibliográfica, orientada pela análise crítica de produções teóricas que tratam das metodologias ativas, da cultura maker e do papel do ateliê no contexto educacional. A abordagem qualitativa permite compreender os significados e sentidos atribuídos ao ato de aprender, respeitando a complexidade dos processos formativos na EJA.



A análise concentrou-se em identificar convergências entre os autores e evidenciar como o ateliê pode atuar como espaço de construção de saberes, autonomia e protagonismo.

5. Resultados e discussões

Os resultados da revisão apontam que o ateliê, ao ser integrado ao currículo da EJA, estimula a criatividade, a expressão e o pensamento crítico, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Ele se configura como ambiente de inclusão digital e cultural, onde os educandos têm a oportunidade de desenvolver competências cognitivas, emocionais e sociais. Além disso, evidencia-se que o ateliê contribui para a emancipação intelectual e social dos estudantes, ao permitir que suas vozes e experiências sejam reconhecidas como parte legítima do processo educativo.

Considerações Finais

A revisão teórica realizada demonstra que o ateliê é um instrumento potente para a renovação das práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos. Ao articular metodologias ativas, cultura maker e epistemologia do Sul, o ateliê se consolida como espaço de diálogo entre saberes, criação coletiva e transformação social. Conclui-se que sua implementação favorece o protagonismo, a autonomia e a produção de sentidos pelos educandos, reafirmando o papel da escola como espaço de emancipação e justiça cognitiva. Como perspectiva futura, sugere-se a ampliação de experiências empíricas que investiguem o impacto do uso de ateliês pedagógicos na EJA, a fim de fortalecer práticas que unam teoria, prática e sensibilidade criadora.

Palavras-chave: ateliê; metodologias ativas; EJA; aprendizagem criativa.

Referências

- DEWEY, John.** Experiência e educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- DOUGHERTY, Dale.** The Maker Movement Manifesto. New York: McGraw-Hill, 2012.
- FREIRE, Paulo.** Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HERNÁNDEZ, Fernando.** Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa.** Um discurso sobre as ciências. Porto: Afrontamento, 1987.
- _____. Para uma sociologia das ausências e das emergências. In: _____. Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.